O Silêncio



Por Manuel Lourenço

- “Não há nada como o vento que nos atordoa a cara.” Disseste tu quando uma das poucas brisas passaram por nós naquela tarde tão quente. Tinhas esse dom de elevar ao máximo as raras manifestações do tempo que é o tempo no Alentejo. A paisagem dourada que até poucos dias atrás era multicolor tinha-me preso só até ouvir-te falar. Sem sede, sem sono, sem sentir outra qualquer coisa além de ti e da planície, estava completo.

Os meus sorrisos respondiam sempre aos teus comentários. Levámos assim os dias. Com sorrisos. De noite eu tentava cozinhar e acenavas que sim. Que tinha corrido bem a fusão dos meus temperos. De quando em vez desconfiava. Ao sabor do Amor não se inclui o palato. Algarvio, como sou, prevalecia a melhor têmpera. O teu olhar amendoado, a tua boca de romã, a tua vulva de figo.

Nunca acordámos com o galo. O rafeiro alentejano que alcunhaste de Argus, fiel canino do Ulisses de Homero, na sua calma roubava-nos o lençol todas as madrugadas reclamando antes da fome, atenção. Bamboleante, trémulo da sua certeza de bom animal fitava-me dos seus imensos olhos, o protesto de uma palavra. Respondia-lhe com afectos e afagos por detrás das orelhas.

Ainda nu embora vestido do teu suor, revejo as vezes que mordeste os lábios e eu procurava a saída de ti. Sabes, o Amor que fizemos era surdo. As mobílias, os tapetes e o tecto alto do quarto não adivinhavam som. Era como se nada fizéssemos. Não barulhámos o silêncio. Amámo-nos assim. Tão presentes sem lá estarmos.

"Amo-te tanto!" Era o teu bom-dia. Queria sempre dizer-te que eu também, mas calava-me. Porque dizer-te que te amava era muito pouco. Como se to dizer assim seria o mesmo que nada. Porque apenas exprimir que te amava era tão sem significado, era tão vazio porque era tanto e ainda muito mais, e como ainda te amo. Por isso, calava-me.

Todos os dias visitavas as vinhas quase abandonadas em frente à casa. Gostavas de desarrumar a paz das uvas. Aproveitavas os cachos mais decentes com o pretexto de vinho doce. "Se não ficar bom, vou à vila buscar cerveja fresca, podes confiar!" De polegar em riste respondia-te afirmativamente. A sorrir, por certo.

E voltavas a correr, derramando os cachos, de cabelo amarrado com pauzinhos de loureiro, as calças beges e largas presas nas botas caneleiras e a tua face suja de terra mas que cabia no retrato da paisagem e da camisa solta que trouxeste da Índia. Quando ainda não me conhecias. Quando eu já era teu mas ainda não tinha nascido. Antes de tudo de nós já nem me lembro. Se fui, se tu foste e o que seríamos.

O teu sorriso, meu Amor, era o equilíbrio do nosso universo. Tudo jubilava com a tua presença. Tantas vezes te quis dizer que Deus deixou-te cair do céu no meu caminho. Que só os anjos alegram os mortais como eu quando o caminho que tu calcavas se iluminava. Sem palavras, sempre sem palavras, assim te amei.

As tuas ausências à vila de Cuba pretextadas das minhas mudas necessidades, auguravam constantemente saudades e medo. Desejava sempre que o carro à tua saída, falhasse por algum motivo, e, se necessário fosse que o mecânico lá no povo tivesse morrido. Mas não. O velho BMW 2002 do meu pai coexistia connosco no alto dos seus quase quarenta anos. Limpinho, era um gosto o ronronar do seu motor. O mesmo sacana de carro que me debitou à entrada do externato enquanto o patriarca romântico

fumegava o cubano e o meu destino. Monte Cristo. O melhor tabaco e a inspiração de Alexandre Dumas. Monte Cristo. A caverna dourada para mim foi então alcunhada de Colégio Nun´Alvares Pereira. Curiosos são os nomes dos vícios e das inspirações, concordaste certa vez comigo.

Aproveitava sempre nas tuas saídas para me imaginar, não conde, nem rei ou imperador mas para agradecer à casa a nossa presença. A cal tão branca que mais parecia um espelho ao horizonte. Com o calor a fotografia trémula apagava a casa no alto do monte. Chorava-te sempre a ausência magoando-me na espera de ti. Parecia-me sempre tão longa a tua ausência. Como se a demora me fizesse esperar o teu regresso da outra Cuba, para lá do oceano, e não desta que nos acode sempre as necessidades e que alcunhaste de "A nossa ilha de mar dourado". "Como te amo", sussurrava sem testemunhas e compondo na planície pequenas ondas e brisas que te trariam a casa.

Voltavas sempre. Entre um chá fresco e um cigarro da tua liamba, voltavas sempre. Ainda antes do pequeno ciclone do automóvel do meu pai anunciar-te na poeira do trilho de casa, o Argus uivava em antecipação. Estavas de volta e eu à tua espera, sorria.

A cerveja sempre fresca. Soltavas o cabelo e lavavas o rosto no gelo da geleira. Eu testemunhava galhofeiro. Imitavas as tontas dos anúncios televisivos com as posições sensuais da publicidade, desnorteando-me, ripando-me o chão.

Erecções imediatas, soluços da tua nudez, as sinuosidades da tua pele e o meu imperecível desejo. Sentia-me sempre longe, imensamente longe de te agradar. Cada orgasmo teu exigia mais mil, e outros mil exigiam outros tantos e depois eu já não era homem nem água nem rosto, e tampouco musculo ou cheiro. Eu, amolgado em ti. A

doce invasão. Explodia no abraço que te apertava. Inerte, apanhavas o meu cabelo e libertavas ao meu ouvido: “Não me deixes.”

Quando a tua língua movimentava a minha, da nossa saliva não me tiravas som da boca, mas inventavas coragem quando o teu sabor sabia a saudade e fim. Se te dissesse gosto-te da cona mas prefiro a carícia, reclamavas mais sexo. O Amor, só nas manhãs. Quando nasces todos os dias. Quando os nossos olhos que se trocando agradeciam ao acordar: “Obrigado por cá estares”.

-“ Caro Amigo, por favor decida, enterramos, ou não?” Mais dúvidas. Ninguém me avisou de tanta sentença. Ela agora está morta. O que faço? Não sei chorar. Chiça, nem sequer me lembro de alguma vez lacrimejar. Fui enganado. A minha mãe morreu. Nasci do cadáver que agora confundo com as coroas de flores. Deixei de fumar e quero um cigarro, seca-me a boca sem ter sede, fito os meus irmãos e tropeço na eternidade. Agora sou húmus. “Vem, devolve-me a casa.”- Suplico-te.

Recebe-me com o vinho que não fazemos, aceita a minha redenção, ama-me com a força da cópula de todos os dias. Queria odiar-te por te amar tanto. Confundo no cadáver da minha mãe, o teu rosto. Faz sentido. Uma mãe só tem um filho por amor, e eu enterrei-a. Morreu. Ter-me-á amado em permeio da dor quando me pariu e amou-me mais ainda quando ao nascer já não a magoava. Tinha olhos castanhos e pestanas grandes. O cabelo preto e encaracolado e umas ancas de viola que arranhavam acordes de cobiça nos homens que eram os outros homens que não o meu pai. Puta, pensei com os olhos. Querida mãe, chorei com os lábios.

Calma, Deus olha-te de cima como o censor que recusa uma sentença. Deus, de quando em vez brinca aos tribunais, e porque ganha sempre, estimula incessantemente o

mortal que lhe parece mais néscio. Bondosos são os somenos desta tribo sedenta de afecto. Os que param para acudir, os que choram quando erram, os que custam a adormecer porque não perdoaram e os que perdoaram e ainda sofrem. Os néscios. Aqueles, esses desumanos!

A minha mãe morreu. Está morta. Morreu porque nasceu sem a alma. Não nasceu como quem sofre ao parir. Não sofreu como todos os que nasceram. A minha mãe nasceu morta. E eu nasci da mais ambicionada vagina da vila!

Quero acordar. Mesmo que tenhas desaparecido, acalma-me o desenho desarrumado que deixaste nos lençóis e o socalco no colchão. Acordo sempre a fingir que não te amo. Sempre até ao primeiro beijo, à tua primeira piada, até ao duche, até o silêncio ceder.

Sumo de laranja e tostas de queijo. Tomara que me venhas dizer que sou uma besta. Que te magoei porque sai da cama sem te sorrir e não te mereço. A tua quase nudez sugestiva que se esconde atrás da camisa de linho e o cheiro das laranjas que cortas para o pequeno-almoço mais parece uma tela de Gaugin. Calor. O teu calor faz-me sempre sede de ti.

- " André, podes entrar. Tem calma, ela está a dormir mas já perguntou por ti".

O Philippe. Conhecemo-lo no mercado de Aljezur quando se achava *freak*. Na realidade redescobriu em Portugal o excelente oncologista que foi em Berlim. E trata-me por André que é o meu segundo nome e que acho simpático porque parece que não é a mim que chama.

Nas salas de espera do quer que se espere, desespera-se. Sem querer esperei na tua sala de espera a espera da revista que me interessava ler enquanto esperava. Agora à

distância acho que era alguém da rádio e também escritor que esperava numa sala de espera igual àquela em que eu também esperei e que lia a revista que depois afinal já não me interessaria ler. Não sei se o escutei no carro ou se o li nessa sala de espera. Sei que me falava como o tempo é igual nos ponteiros mas mais longo consoante a tristeza ou a ansiedade. Que alguns dos que esperavam na sala de espera esperavam por vezes abnegadas ou eufóricas mas que o sossego só os sossegava quando o altifalante acudia os seus números. Não os nomes. Os números que significavam depois os nomes de cada um que esperara.

Enterrámos a minha mãe e no dia seguinte não me acordaste com o mesmo ênfase. Disseste que eu ainda não tinha voltado do funeral mas que estavas à minha espera perto da figueira grande na barragem feita pelo tractor amarelo do meu pai. Tu e as tuas específicas crueldades. Tão pesadas como as lagartas do tractor amarelo do meu pai que fez a barragem onde está a figueira grande onde me esperaste, e que eu porque cedi, fui lá ter contigo quando o resto de mim voltou do funeral da minha mãe. Foi cruel morrer a minha mãe e eu tão tarde ter voltado a casa.

- “ Não acredites nessas tretas que quem dorme te escuta, André. Quem dorme é como se estivesse morto, mas com o colossal pormenor de respirar. Todo o resto é balona romântica à Hollywood.” - Disparou o Philippe entre duas passas no cigarro. Fumam tanto os médicos! Este tipo tenta curar cancros de pulmão e fumega quatro a cinco cigarros entre cada consulta. É como se a sua terapêutica se esfumasse na sala de fumo e a esperança dos seus doentes se diminuísse no hálito do Philippe. Não entendo. Mas eu estou limitado, meio a dormir, num torpor em que pouco me atinge. Eu acho que ela me ouve porque eu também me oiço quando lhe falo. Tu dormes, meu amor, eu ando a sonambular pelos cantos da sala de desespera. Calado, claro.

-“Olha para a tua mulher que está a dormir e deseja que acorde”, continuou. “Depois, vai lá a casa jantar e tomar um duche mas não cortes a barba que os miúdos adoram-te assim. Limpo mas com ar bafiento. Lembra-te, és o tio esquisito”.

Os filhos do Philippe e da Marta são fantásticos. A Violeta, é a mais nova, o outro é o James, mais velho e atento e loiro, tal e qual aquelas crianças quietas e circunspectas que analisam tudo. Mormente as estranhezas dos adultos morenos e de barba longa.

A Violeta, não. Creio que me confunde com alguma personagem de desenho animado e confia sempre no sorriso que lhe entrego à chegada. Faz bem. Porque é o meu mais honesto sorriso. O sorriso sem hipótese de não o ser. A Violeta é um anjo. Adora fazer tranças na minha barba enquanto o James me convence a cortá-las. O James é o James e o James tudo sabe. Quando brinca com trivialidades fá-lo para que estas percam o trivial.

- “ Tio André, acorde”. A Vivi, para que se saiba é morena e tem os olhos grandes como duas imensas nêsperas. É pequena mas corajosa e firme. Muito terna, pede licença para que me entregue um copo de água na mão, e ri. “O tio às vezes parece que é tolo! Com uma cama tão grande lá em cima e fica aqui a dormir na sala ao pé destas garrafas. Qualquer dia ainda se magoa!” O James logo por perto reclama: -“Grande parva, não sabes que o tio André não liga a nada?”. O James sabe tudo! Acho que não gosta de mim. Entendo.

- “Não me deixes”. Ando cansada e parecem-me longe a videiras e ainda mais afastadas as uvas, esgoto-me ainda antes de pensar mover-me.”

- “Como te amo”. Quantas vezes saio do meu corpo e me vejo arqueado, fumegando o horizonte infinito nos mares destas terras ora douradas, ora de todas as cores misturadas com as cores que serão cores misturadas na tela que é a paisagem da nossa terra, à nossa frente. Pela nossa janela, testemunha de tantos silêncios nossos como nossos foram os gestos para não abrir o dia. Não levantar o estore. Fechar lá fora. Puxar pelo edredão no Inverno e manter as lareiras a alar sombras em movimento nas paredes da casa enquanto descobrimos novas curvas nos nossos corpos.

Por favor, olha para mim. Deixa-me descansar na margem dos teus olhos. Os dois grandes lagos onde consigo repousar da saudade que tenho de ti. Estou tão farto das salas de desespera. Não me deixes. Vem cá buscar-me.

- “ André, ficas para almoçar?”

- “Obrigado Marta. Tenho de voltar à Cuba e resgatar o Argus para Lisboa.”

A Marta é de Monchique. A Marta de Monchique é como as águas de Monchique. Pura. Fala baixo com figura, como o som dos ribeiros e a sua presença é fresca como a serra.

Sinto-me a ceder. Enquanto a Vivi repete monocordicamente as indicações britânicas do inglês para crianças, eu recordo a viagem à Irlanda. Este espaço por onde a minha figura deambula é todo feito de recordações de ti.

O nevoeiro lá estava e a Guiness também e já a nossa tristeza com a tua partida anunciada. Nasceste a cada segundo em frente a mim como todas as primaveras que se tornam em Verão e abalaste como todo o Verão que falece no Outono. Deixaste que fosse assim tudo triste e cinzento nas salas de desespera onde ainda te desespero.

Como te amo. Liberta-me, por favor, envia-me já amor desse sono para onde vais. Como te amo. Lá. Sem caldeirões nem duendes ou impossíveis arco-íris, fadas, contos, florestas, tocadores de flauta ou unicórnios, labirintos de Minotauro, apenas medo e saudade.

Tenho saudades da Cuba e do Argus. Não sei bem lhe como explicar a ausência da dona embora acredite que o cão entenda o vazio melhor que eu. Quero voltar à nossa ínsula de mar dourado. Sentar-me na cadeira de verga que não acabaste de construir e dormir embalado na nossa ilha. Os dias voltarão a ser apagados se não os acender. As velas estarão sempre acesas para te vislumbrar na sombra. Ver-te contorcer nas paredes da casa até serem redondas, circulares, rotundas que mareio de olhos fechados. Lá em casa vivemos os dois. Eu durmo e tu estás adormecida. De mãos dadas. Eu na Cuba e tu em todo o lado. Não há para onde resvale o meu olhar que não haja algo teu.

Ainda ninguém telefonou. A tristeza do Argus que uiva nas vinhas e o vazio que se apoderou de mim dispensa arautos. Não choro, mas tenho tanta saudade de ti e do que fazias que eu fosse. Tão mais calmo, mais feliz.

Uiva Argus, chora também por mim. Invoca todos os cães danados que a minha raiva acode porque a esta dor é feita apenas de aridez. Consumida de uma tibieza que não me permite movimento além do da irreflexão de ainda querer existir.

De repente, deixou de doer. Oiço vozes mas não vejo que as emite. Tenho um imenso manto negro à minha volta e que me esconde a visão. Acordo, mas de que sono? De quem são vozes que sussurram à minha volta? Porque falam no escuro? Esbracejo furiosamente à procura de luz, mas estou preso. Quero levar as minhas mãos ao rosto para me livrar desta venda, embora sem sucesso, e grito. O pânico que me atravessa

libertou o mais encolerizado som que me recordo expelir, para de súbito… Luz. Primeiro, muito clara e desbotada como se tivesse caído num lago e olhasse para cima à procura do sol. Depois mais nítida com a composição das formas e a admiração correcta das cores. Finalmente, as batas brancas e as amarelas e verdes que vestem pessoas que correm na minha direcção. Estou bem, exclamou uma delas. Estarei? E porque me chamou de Philippe? Tenho sono e volto a ceder ao cansaço avesso à confusão.

A manhã está fresca. Agora que me trouxeram para esta varanda posso olhar com mais calma para a cama onde sobrevivi. Num quarto isolado. Branco. Arrumado. É importante que esteja arrumado quando por dentro se instala o caos.

Tem também sala de desespera. Quem terá desesperado por mim? Não foste tu, meu Amor. Tu não regressaste da Cuba.

O meu irmão André voltará, hoje, com a mulher alemã e o meu pai para me visitar. Só falta a minha mãe. Nunca mais voltei do seu funeral.

O meu irmão não tem filhos. Nós tínhamos. Lindos. Ela era morena como eu e tinha os olhos grandes como duas imensas nêsperas. Ele, loiro como tu e, sério, sabia sempre tudo. Quem me dera vê-los entrar pela sala de desespera. Eles também não regressaram da nossa ilha. O velho BMW do meu pai não vos devolveu a mim e espalhou-vos pelo asfalto da auto-estrada.

Não foi o carro velho do meu pai que me trouxe para aqui. Foi a vossa partida e esta varanda é a minha última chegada.

Não quero visitas. Deixem-me nesta varanda virada para a minha vida, e saiam. Esta peça é agora só minha e não quero mais personagens.

O enredo que se tece na minha mente trás ribeiros de Monchique que desaguam em Cuba. Vê-vos a correr dentro dos girassóis e do trigo entre risadas e cómicas

provocações desafiando-me para a folia. Neste palco onde o pôr-do-sol reinventa novas cores à planície todos os dias. Nesta teia onde o Argus ainda me espera ao fim do dia ao lado da cadeira de verga em que me sento e fumo. Onde posso repetir-te. Amar-te sempre.

Agora, silêncio. Talvez numa tarde quente alguma brisa me obrigue a sussurrar: "Marta".